

**O DESENVOLVIMENTO DOS LETRAMENTOS CRÍTICOS NO ENSINO DE LÍNGUA
INGLESA PARA PROPÓSITOS PROFISSIONAIS/ ESPECÍFICOS**

Renata de Souza GOMES (Doutora – CEFET-RJ)

Resumo: Essa apresentação intenciona conduzir à reflexão e discussão sobre como as teorias dos multiletramentos críticos podem mudar perspectivas e metodologias dos docentes no que se refere ao ensino de Inglês para fins específicos, o chamado ESP. Conceitos como multiletramentos, pós-metodologia e ensino politécnico serão discutidos a fim de tentar diminuir o espaço entre as teorias e a prática dos professores de língua inglesa em sua prática diária docente. Pode-se dizer, então, como resultado desta fusão de conceitos, o ensino de ESP deixa de ser visto, por exemplo, como uma lista de palavras técnicas isoladas para serem memorizadas pelos alunos e começa a ser compreendido como um discurso, na verdade, como múltiplos discursos que pertencem a diferentes comunidades discursivas de profissionais. Estudar esses discursos é de primordial importância para as carreiras dos nossos alunos. O lócus de pesquisa para reflexão se concentra nos cursos de Engenharia de Produção, Engenharia Mecânica, Cursos Técnico em Portos e Mecânica Integrado ao Médio no CEFET-RJ, campus Itaguaí.

Palavras-chave: ESP, letramentos críticos, material didático, politecnia

Introdução

Desde o início do projeto de inglês para propósitos específicos no Brasil desenvolvido e coordenado pela memorável e saudosa professora Maria Alba Celani, muito tem se falado e pensado a respeito da disciplina a qual muitas instituições e docentes ainda insistem em chamar de inglês técnico. Não intenciono nesse breve texto traçar um histórico sobre como a disciplina abandona o adjetivo que a qualificava como técnica para alcançar a funcionalidade de atendimento a uma necessidade específica do aluno. Pois, tal cronologia já foi feita brilhantemente pela referida professora Celani e pela professora Rosinda Ramos, no livro *Abordagem Instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*, publicado em 2009. Minha intenção aqui é apresentar como a combinação de uma perspectiva pós-metodológica de ensino de línguas aliada à pedagogia dos multiletramentos e à adoção do conceito de politecnia na prática docente podem promover a educação linguística (JORDÃO; FOGAÇA, 2012, p. 77-78) no campo do ensino de língua inglesa para propósitos específicos. Almejo apresentar como essas orientações podem contribuir para o aumento do conhecimento

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

linguístico dos alunos, profissionais em formação nas mais diversas áreas a fim de que eles sejam profissionais críticos, sobretudo cidadão no exercício de suas profissões.

Para tanto, faz-se necessária uma breve revisão dos conceitos básicos que norteiam o pensamento desse trabalho: os letramentos críticos, ou novos letramentos ou ainda multiletramentos e a noção de politecnia. Os letramentos críticos funcionam tanto como uma epistemologia de ensino de línguas quanto como uma proposta pedagógica (MONTE-MÓR 2018, p. 322-323) que leva o alunx/ leitor a desenvolver construção de sentido, interação, agência, cidadania, língua, cultura e diversidade cultural através de reflexões sobre os inúmeros gêneros em vários discursos circulantes. Através da natureza dos letramentos críticos, ou novos letramentos ou ainda multiletramentos é possível ajudar os alunxs, enquanto sujeitos e agentes de seus discursos a compreender, refletir, criticar, legitimizar ou deslegitimizar os discursos sociais e históricos que eles produzem e que os circundam.

Nesse texto, eu escolho usar o termo multiletramentos por ter trabalhado em sala de aula com diversos gêneros e tipos textuais trazidos pelos alunos dentro de suas áreas específicas de formação. Sendo assim, a minha escolha epistemológica e de prática pedagógica é desejosa de que os alunxs sejam leitores críticos de suas futuras práticas profissionais e pensem sobre as mesmas para além de olhares e execuções tecnicistas, além de pensar também em relações de poder circunscritas no mundo do trabalho, questões de cidadania e ética e tantos outros eventos caros para a formação de um leitor-cidadão, para a formação de um aluno- trabalhador em formação.

Ainda seguindo a premissa acima apresentada, o letramento crítico constrói-se a partir do entendimento de que a linguagem apresenta uma natureza política, e há nela relações de poder e ideologias (MONTE-MÓR, 2018, p. 323). É devido a essa natureza dos letramentos/ multiletramentos críticos que enquanto docente eu a escolho para minha aula. Pois, ao trabalhar com o ensino de língua inglesa para propósito específico, eu tenho procurado exercitar a minha prática interpretativa seguindo a lógica apresentada pelo alunx – profissional da área presente nos discursos que trabalhamos em sala de aula –, ouvindo e estabelecendo diálogo com ele para tentar assim minimizar as relações de poder em sala de

aula.

Uma das observações que tenho enquanto docente nessa modalidade de ensino refere-se à alegria e confiança que o alunx, profissional em formação tem ao notar que o docente de língua inglesa se interessa pela área dele e que ele, enquanto aluno de um curso de graduação, finalmente tem a chance de subverter a relação de poder em sala de aula ao explicar para o docente de língua inglesa vários termos técnicos e sobre como é sua rotina de trabalho. Docente e discente se intercambiam na posição de aprendiz e as relações de poder são ao menos minimizadas.

Para além dessa dinâmica, eu vejo também que as práticas do multiletramentos para o ensino de línguas além de propiciar o diálogo constante em sala de aula, elas também levam ao exercício da escuta da voz do aluno, tão necessário e importante para o professor, principalmente nos tempos atuais no qual a escuta e diálogo tem cedido lugar às crenças absolutistas com fundamentação em ideologias perversas, como as chamadas *fake news*, por exemplo.

Quando aprendemos uma língua adicional, nós expandimos nosso conhecimento linguístico e temos acesso ao que as alteridades pensam sobre nossa cultura, sobre os mais diversos aspectos da vida. Nós podemos ampliar nossa visão do mundo através de uma educação linguística (JORDÃO; FOGAÇA 2012, p. 77). Ao trabalhar com inglês para propósitos específicos em língua inglesa sob a perspectiva crítica, é possível compreender e repensar o mundo do trabalho a fim de aprender e ajudar os alunos a refletir melhor sobre suas escolhas profissionais.

Com o aporte teórico dos multiletramentos na sala de aula de língua inglesa para fins específicos, o trabalho de leituras críticas sobre os discursos profissionais circulantes conduz os alunos a conversarem sobre sua futura profissão, sobre o mercado de trabalho, sobre a ética do trabalho, sobre a crise em diversos setores, por exemplo. O discente, sobretudo se o mesmo for da chamada área de natureza exata-, pode notar que o trabalho que ele desenvolve está para além da aplicação de técnicas, funcionamento de maquinarias, engrenagens, e administração de medicações, por exemplo. E a sala de aula de língua estrangeira torna-se o

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

espaço para discussões e reflexões que desautomatizam algumas práticas profissionais na qual o aluno está inserido, dentro de um currículo tecnicista e impessoal.

É muito comum em minhas aulas receber alunos não só à procura de créditos de disciplinas optativas, mas também à procura de um espaço para conversar, e socializar com os amigos e até mesmo repensar e afirmar suas escolhas profissionais através de falas questionadoras das condições de trabalho como “fizemos uma visita técnica a empresa X, e o calor que fazia lá dentro me fez sentir frio do lado de fora, mesmo debaixo de um sol de 40 graus.”, “a psicóloga da indústria nos procurou para falar sobre o acidente de trabalho que levou um colega à morte. Foi só para não pararmos de trabalhar”. Outras falas são celebratórias e orgulhosas como “vi na prática uma caldeira que estudamos em termodinâmica e lemos a respeito no texto em inglês”, “professora, eu estou muito feliz! Estou vendo no meu estágio todos os documentos que lemos aqui em inglês. Meu inspetor até me autorizou a trazer esses outros textos para trabalharmos aqui em sala”.

Nota-se então, através dessas falas e da prática de sala de aula de línguas em cursos de formação técnica de nível bacharelesco ou médio que não há ensino puramente tecnicista, não há conhecimento puramente exato e cartesiano. Toda relação de trabalho por mais mecânica que seja é permeada por trocas humanas, e envolve discussões éticas, socioeconômicas e históricas.

Penso que se é sabido que o mercado de trabalho e a economia são atingidos por crises, momentos propícios e por oscilações especulativas. Portanto, nenhuma aula, seja de conteúdo técnico ou não deveria apagar a figura e a voz do aluno, que é o futuro trabalhador, o agente e o alvo das relações do mundo do trabalho e nas dinâmicas da Economia.

Não faz sentido esmaecer a figura do aluno-profissional para somente ensinar um conteúdo, qualquer que seja. Para me fazer mais clara cito algumas indagações para exemplificar a necessidade do equilíbrio entre o técnico e o humano: como trabalhar com alunos de um curso de Física sem discutir as implicações do uso e radioatividade de antenas de celular em áreas urbanas e populosas, como trabalhar em curso de Engenharia de Alimentos sem discutir a questão da fome, do desperdício alimentar, da distribuição social

desigual de alimentos no país, como trabalhar em curso de Química sem discutir os impactos na saúde causados por opioides legalizados pelo governo e pela indústria farmacêutica, ou ainda a liberação de agrotóxicos, como trabalhar com a Engenharia Mecânica sem discutir o desenvolvimento de protótipos para pessoas com necessidades especiais, como trabalhar com um curso de Enfermagem sem lidar com a questão da terceira vítima, em casos de erros fatais na manipulação de remédios.

Há, portanto discussões a serem feitas e refletidas em qualquer campo profissional de atuação, e vejo que as mesmas devem fazer parte do currículo oficial do aluno. Em vista disso, a noção de politecnia (FRIGOTTO, 1989, p. 116-117; SAVIANI 2003, p. 138) vem à baila para completar de forma adequada o embasamento teórico norteador das aulas de multiletramentos críticos desenhadas pelo docente de ESP diante das necessidades dos seus aprendizes.

A noção de politecnia contrapõe-se a essa ideia, postulando que o processo de trabalho desenvolva, em uma unidade indissolúvel, os aspectos manuais e intelectuais. Um pressuposto dessa concepção é que não existe trabalho manual puro e nem trabalho intelectual puro. Todo trabalho humano envolve a concomitância do exercício dos membros, das mãos, e do exercício mental, intelectual. Isso está na própria origem do entendimento da realidade humana como constituída pelo trabalho. (SAVIANI, 2003, p. 138)

Ressalto e relato aqui a dificuldade existente em se trabalhar a dimensão politécnica em sala de aula, quando a ideologia perversa do mercado de trabalho, da automatização e pauperização do trabalho está imbricada até mesmo no discurso dos docentes, sejam eles egressos de cursos de licenciatura ou das chamadas áreas técnicas através de falas questionadoras desses profissionais sobre o currículo de um curso de modalidade técnica integrada à modalidade propedêutica, por exemplo. Se os alunos têm aulas de Artes e se destacam nessa área, a pergunta é se o discente quer ser músico ou técnico. Há uma dualidade excludente. O docente não consegue vislumbrar um técnico que é músico, ou um músico que será técnico. Se o discente já consegue um emprego em uma empresa importante e precisa faltar algumas aulas devido a sua escala de trabalho, o professor se imbuí de uma fala

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

pertencente a um currículo oculto, segundo a concepção de (SILVA, 1999, p. 78) para ameaçar o aluno de reprovação porque ou ele estuda ou trabalha.

Esse quadro dicotômico geralmente é o lócus de trabalho do docente de inglês para propósito específico, onde o docente de língua estrangeira é valorizado por ser visto pelos colegas da instituição de ensino, ou pela própria, como o docente que irá preparar o alunx para uma entrevista em inglês em uma multinacional, ou a pessoa responsável por ser um glossário ambulante de termos técnicos que variam de nomes de parafusos que não são pronunciados nem mesmo na língua materna a termos importantes para a leitura de artigo científico.

Quando as epistemologias de politecnia e multiletramentos críticos se unem é possível sair de uma viela estreita e única de um pensamento de que é preciso ensinar uma lista de termos técnicos que serão memorizados pelos alunos para aprender de modo significativo os termos técnicos utilizados nos seus discursos profissionais a fim de ler criticamente o artigo onde esses termos se configuram.

Sáimos de uma perspectiva de puramente preparar o aluno para uma entrevista de emprego em língua inglesa para prepara-lo para a entrevista em língua inglesa estudando as possíveis implicações sócio discursivas que esse jogo de perguntas e respostas podem assumir. Tenho como ilustração, um exemplo trazido pelos alunos sobre o caso de um entrevistador que conduziu uma entrevista de emprego de cerca de quinze minutos para um cargo da área de técnico em mecânica com um candidato do sexo masculino, e a seguir uma entrevista de menos de cinco minutos com uma candidata do sexo feminino fazendo apenas uma pergunta para a candidata, na qual ele a indagava por quanto tempo, ela interromperia a operação quando quisesse ir ao banheiro, visto que ela teria que vestir um macacão como uniforme, e equipamentos de segurança.

Diante de tais realidades, me parece impossível para uma educação comprometida com a criticidade, e, sobretudo com a classe trabalhadora, que costuma ser o maior público das áreas técnicas no ensino de nível médio no país e que constitui boa parte da mão de obra futura que essa educação não leve os discentes ao exercício de reflexão, agência consciente no

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

mercado de trabalho e valorização do seu trabalho.

Particularmente penso que através da formação de trabalhadores críticos e reflexivos é possível inclusive aumentar a produtividade e o paradigma de pensamento de uma indústria, por exemplo, na qual o trabalhador é ouvido e respeitado. Não é preciso pauperizar as condições de trabalho para a obtenção de um lucro maior. Há também outros mecanismos e ideologias perversas, ou não como discursos conhecidos como “é preciso vestir a camisa da empresa”, “a empresa é uma família”, “fui mandado embora da empresa porque me qualifiquei demais, e em momento de crise, me tornei um funcionário caro para eles. Estou conformado com a minha demissão para o bem da empresa” e tantos outros. Através de uma educação crítica, discursiva e politécnica é possível fazer com que os discentes façam o exercício contínuo de reflexão e ação dentro de seus grupos discursivos no mercado de trabalho.

Cito a partir de então, alguns exemplos práticos no meu lócus docente, que é o CEFET-RJ, campus Itaguaí, onde são oferecidos os cursos de técnico de mecânica integrado ao ensino médio, o curso técnico em Portos, na modalidade Pós-Médio, e as graduações de Engenharia de Produção e Engenharia Mecânica.

Há observações docentes e pedagógicas que apontam que o curso integrado ao médio é sem dúvida o curso onde a noção de politecnica parece ser mais difícil de ser implementada na prática docente. Pois, os alunos costumam ser muito jovens ao ingressar no ensino médio, e não tem maturidade para fazer escolhas profissionais. Além disso, é sentido que em sua grande maioria, a opção da comunidade escolar pela instituição de ensino técnica e federal se deu pela reconhecida qualidade de ensino da escola, e não pelo desejo de se formar em uma área técnica. Ao passo que os alunos não costumam demonstrar interesse pela área profissional, alguns profissionais técnicos travam uma verdadeira batalha com os alunos para convencê-los a exercer a profissão, ou dentro de um currículo oculto para impedi-los de alguma forma a concluir os estudos, já que para alguns docentes o aluno, futuro técnico, não deve se ocupar com leituras literárias, apresentações musicais ou de dança, por exemplo. O aluno deve puramente obedecer a lógica ritualística da indústria e da automatização.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

Dentro desse curso, eu procuro ler textos e conversar com os alunos sobre as atividades desempenhadas por um técnico em mecânica, a remuneração do mesmo, as condições de trabalho, equipamentos de segurança, funções das máquinas, mas também trabalhamos, por exemplo, uma animação chamada *Alike* que critica a ritualização da rotina de estudos e trabalho, lemos também notícias do nosso país em jornais de língua estrangeira a fim de compreender como o olhar do outro nos vê. Além é claro de atender as necessidades discursivas dos alunos dessa faixa etária que desejam debater assuntos importantes e atrativos para eles como *bullying*, relações abusivas de namoro, leitura e resolução de problemas lógico-matemáticos em inglês, tutoriais para construção de drones, robótica e afins.

O curso técnico de Portos é de nível pós-médio e atrai o aluno-trabalhador que vai para a instituição de ensino no turno noturno com a esperança de estudar e melhorar sua condição financeira e de trabalho através do exercício de uma nova profissão. Esses alunos, de um modo geral, não se recordam ou não estudaram muito bem as terminologias da sintaxe e morfologia, por exemplo. Então, o desenvolvimento de estratégias de leitura, no que se refere à pura e simples decodificação do texto escrito torna-se mais difícil, mas não impossível. São realizados trabalhos com formação de palavras e estudos significativos sobre prefixo e sufixo, por exemplo, bem como atividades para estimular o uso de *skimming*, *scanning*, inferência e afins.

A parte de leitura crítica em língua inglesa para esses alunos do curso de Portos acontece quando lemos e conversamos sobre mineração, exploração de minério e condições de trabalho, sobretudo depois de duas grandes tragédias ambientais desse século ocorridas no Brasil, no estado de Minas Gerais, nas cidades de Mariana e Brumadinho. Desse modo, quando lemos o relatório de sustentabilidade ambiental da empresa envolvida nas tragédias, podemos analisar tanto a formação do quadro de chefes da empresa, todos homens e brancos, quanto às falas da empresa que diz que seu lema é cuidar do meio ambiente e de seus funcionários ao mesmo tempo em que constrói barragens de fundeio para economizar e lucrar cada vez mais, sem a preocupação com risco de vida e ameaça ambiental. Lemos também de forma crítica nesse curso, os documentos circulantes na área portuária, que por vezes nos

mostram dilemas éticos sobre como evitar piratas, sobre a existência de imigrantes ilegais a bordo, e até mesmo questões éticas e de saúde sobre casos de morte em alto mar.

Por fim, o trabalho com as Engenharias de Produção e Mecânica são centrados em resoluções de problemas ou iterações como a área nomeia todo esforço para a resolução de uma situação. Desse modo, os alunos da Engenharia de Produção leem e trabalham textos e vídeos sobre logística, cadeia de suprimentos. Contudo, essas noções não são vistas em vácuo social. Elas são vistas, por exemplo, dentro de uma situação de atendimento de saúde e emergência para uma população que acabou de enfrentar um desastre da natureza, por exemplo. Ou no escopo da logística de uma instituição como Médico sem Fronteiras, por exemplo, que precisa levar vacinas e conduzir uma campanha de vacinação em povoados distantes. Na Engenharia de Produção, vem se desenvolvendo também um projeto de tecnologias assistivas em parceria com a Universidade St Ambrose, localizada no estado americano de Iowa. Através dessa parceria, os alunos brasileiros e americanos, futuros engenheiros de Produção pensam em desenvolver soluções em forma de protótipos e acompanhamento de famílias e pacientes pobres com enfermidades graves na região do campus. Com a Engenharia mecânica, discute-se a segurança do trabalho, e a natureza da ciência dos materiais, que muitas vezes é subutilizada ou desdenhada em nome de uma busca por lucratividade.

Ao relatar essas experiências, espero, portanto, chamar atenção para novas perspectivas para o desenvolvimento do trabalho de inglês específico norteadas pela pedagogia dos multiletrados e da noção de politecnicidade visando o desenvolvimento da educação linguística do aluno, o conhecimento técnico de sua área na língua alvo e a criticidade e reflexão sobre os discursos do mundo profissional no qual ele está inserido.

Referências

ALIKE. Direção de Daniel Martínez Lara, Rafa Cano Mendéz. Produção de Daniel Martínez Lara, Rafa Cano Mendéz. Música: Oscar Araujo. Espanha: Mundos Digitales, La Fiesta, 2016. Online (8 min.), son., color. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UATPH44jRSw>>. Acesso em: 8 jul. 2015.

**ANAIS ELETRÔNICOS DO V SEMINÁRIO FORMAÇÃO DE PROFESSORES E ENSINO
DE LÍNGUA INGLESA
VOL. 5, 2019 | ISSN: 2236-2061 - 12 e 13 DE AGOSTO DE 2019
SÃO CRISTÓVÃO/SE, UFS**

CELANI, Maria Antonieta Alba; FREIRE, Maximina M.; RAMOS, Rosinda de Castro Guerra (Orgs.). *A Abordagem Instrumental no Brasil: um projeto, seus percursos e seus desdobramentos*. Campinas: Mercado de Letras / São Paulo: EDUC, 2009. Coleção As Faces da Linguística Aplicada. v. 10. 2009.

FRIGOTTO, G. Trabalho-educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica? *Educação e Realidade*, v. 14, n. 1, p. 17-26, jan.-jun. 1989.

JORDÃO, Clarissa Menezes; FOGAÇA, Francisco Carlos. Critical literacy in the English language classroom. *DELTA*, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 69-84, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010244502012000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2019.

MONTE MÓR, Walkyria. Letramentos críticos e expansão de perspectivas: diálogo sobre práticas. In: JORDÃO, Clarissa Menezes; MARTINEZ, Juliana Zeggio; MONTE MÓR, Walkyria. *Letramentos em prática na formação inicial de professores de inglês*. Campinas: Pontes Editores, 2018.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da Politecnicia. *Trab. educ. saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, mar. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462003000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 set. 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu da. *Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo*. 3. ed. Editora Autêntica, [1995] 2010.